

*Visões multidisciplinares  
da ayahuasca*



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO

FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES – IARA BELELI

MARCO AURÉLIO CREMASCO – MARIA TEREZA DUARTE PAES

PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ

*Lucas Oliveira Maia*  
*Camila Dias*  
*Luis Felipe Valêncio*  
*Luís Fernando Tófoli*  
*(Org.)*

*Visões multidisciplinares*  
*da ayahuasca*

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIVISÃO DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO  
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

---

V826 Visões multidisciplinares da ayahuasca / organização: Lucas de Oliveira Maia...[*et al.*] – Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2023.

1. Ayahuasca. 2. Biologia. 3. Ciências médicas. 4. Ciências sociais. I. Maia, Lucas de Oliveira.

CDD – 299.8  
– 570  
– 610  
– 300

ISBN 978-85-268-1616-9

---

Copyright © by Lucas Oliveira Maia *et al.*

Copyright © 2023 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste livro são de responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp

Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar

Campus Unicamp

CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil

Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728

[www.editoraunicamp.com.br](http://www.editoraunicamp.com.br) – [vendas@editora.unicamp.br](mailto:vendas@editora.unicamp.br)

*Esta obra é dedicada a todas as pessoas que  
estudam e aprendem com a ayahuasca.*



## *Agradecimentos*

Agradecemos cordialmente a todos os autores e autoras pelo seu compromisso na elaboração dos capítulos, bem como pela sua paciência diante do processo editorial. Em particular, expressamos nossa gratidão à biomédica Joice Cruz Jatobá, pela sua dedicada revisão técnica da obra. Também desejamos estender nossos agradecimentos a todas as pessoas envolvidas no Icaro, cujo apoio moral e colaboração foram fundamentais para o êxito deste projeto.





# Sumário

Apresentação:	
Por que estudar ayahuasca em uma perspectiva multidisciplinar?.....	11
<i>Luís Fernando Tófoli</i>	

## PARTE 1 – Ayahuasca, natureza e humanidades

1. Aspectos botânicos e ecológicos da ayahuasca.....	23
<i>Camila Dias e Ricardo Monteles</i>	
2. As religiões ayahuasqueiras brasileiras e o cenário contemporâneo transnacional da ayahuasca: panorama histórico e atualizações.....	43
<i>Sandra Lucia Goulart</i>	
3. Aspectos bioéticos do cuidado com ayahuasca.....	69
<i>Luis Felipe Valêncio</i>	
4. Ayahuasca na mídia: abrindo as portas da redação.....	81
<i>Nathan Fernandes</i>	

## PARTE 2 – Ayahuasca e saúde mental

5. Fronteiras do conhecimento científico sobre o potencial terapêutico da ayahuasca .....	97
<i>Lucas Oliveira Maia e Dimitri Daldegan-Bueno</i>	
6. O uso da ayahuasca no cuidado de pessoas com uso problemático de drogas .....	113
<i>Fabio Carezzato</i>	

7. Como avaliar cientificamente os efeitos subjetivos proporcionados pela ingestão da ayahuasca .....	125
<i>Dimitri Daldegan-Bueno e Alexandre Augusto de Deus Pontual</i>	
8. Ayahuasca e os fenômenos psíquicos: uma exploração à luz da psicanálise.....	141
<i>Daniel Kazahaya</i>	
9. Divãs psicodélicos e a manifestação do sujeito: um olhar psicanalítico sobre a experiência com a ayahuasca....	157
<i>Rodolfo Olivieri</i>	

### PARTE 3 – Ayahuasca e pesquisas experimentais

10. Estudos experimentais com ayahuasca e animais .....	175
<i>Sueli Mendonça Netto</i>	
11. O que as pesquisas pré-clínicas nos dizem sobre a ayahuasca..	189
<i>Dimitri Daldegan-Bueno, Natália Maria Simionato, Vanessa Manchim Favaro e Lucas Oliveira Maia</i>	
12. Ayahuasca e o cérebro .....	207
<i>Isabel Wießner</i>	
13. Metabolômica da ayahuasca .....	223
<i>Emerson Andrade Ferreira dos Santos e Alessandra Sussulini</i>	
Sobre os autores.....	239

## APRESENTAÇÃO

# *Por que estudar ayahuasca em uma perspectiva multidisciplinar?*

*Luís Fernando Tófoli*

Antes de começar, é importante que esteja claro do que se está falando quando o tema é a ayahuasca. Embora as autoras e autores dos diversos capítulos deste livro usem de suas próprias palavras para defini-la, é importante iniciar aqui, na apresentação desta obra, o processo de tentar delinear o termo em sua polissemia.

A definição mais básica é dizer que a ayahuasca é uma bebida de origem indígena produzida pela decoção de duas plantas de origem amazônica, o cipó *Banisteriopsis caapi* e as folhas do arbusto *Psychotria viridis*, que tem propriedades psicoativas que a incluem no conjunto das substâncias psicodélicas e cujo uso religioso e ritual é permitido no Brasil. Entretanto, essa definição sintética guarda dentro de si diversos desdobramentos possíveis.

### *A complexidade da ayahuasca*

Podemos principiar, por exemplo, pela questão da nomeação da ayahuasca. Somos informados, normalmente, que a palavra tem origem no idioma quéchua, e que, pela junção das raízes *aya* (espírito, morto, cadáver) e *waska* (corda, trepadeira, cipó) se conclui que ela se traduziria em algo como “cipó dos mortos”, “liana dos espíritos”.<sup>1</sup> Porém, o universo cultural ao qual a ayahuasca pertence toma uma considerável parte da Amazônia Ocidental, em um grande conjunto de países, que inclui Brasil, Peru, Venezuela, Equador, Colômbia e Bolívia.<sup>2</sup> Sendo assim, ela tem um grande número de denominações em diversas línguas. Além do termo que se tornou “oficial” dentro da academia – ayahuasca –, entre os nomes indígenas podemos citar *yagé*,

*kahpi*, *oni*, *nixi pãe*, *natem*, *kamarampi*, *rami*, e muitos outros.<sup>3</sup> Nas religiões ayahuasqueiras brasileiras, os principais nomes são *Daime* ou *Santo Daime* (usado pelas linhas do Santo Daime e da Barquinha), *Vegetal* e *Hoasca* (usados pela União do Vegetal e suas dissidências).<sup>4</sup>

Mas a multiplicidade linguística da ayahuasca vai além dos nomes pelos quais ela é chamada. Nas diversas tradições indígenas, a ayahuasca se insere em uma cosmogonia específica que não costuma estar separada da própria visão de cada povo e, portanto, traduz-se em uma série de outras palavras. Por exemplo, o uso do *nixi pãe* pelos Huni Kuin não pode ser alienado dos conceitos de *yuxin* (espírito), *dami* (visão xamânica) e mesmo dos *kene*, tipo de arte gráfica característica dos grupos linguísticos Pano e que tem semelhança com determinadas visões experienciadas sob o efeito da ayahuasca.<sup>5</sup> No caso dos Yepá Mahsã (Tukano), o uso ritual do *kahpi* não pode ser entendido fora de suas práticas cerimoniais (*póose*), o conjunto de suas narrativas originárias (*kihti ukúse*) e a troca do que se traduz, de forma apenas aproximada, como “benzimentos” (*bahsese*).<sup>6</sup> Como se pode imaginar a partir desses dois breves exemplos, para cada grupo há usos e traduções diversas para a beberagem, que vão da pura celebração ao contato com o mundo não material, passando pela feitiçaria, pela adivinhação e pela cura – sendo usada pelo curador, pelo doente ou por ambos – e mesmo pela guerra e por caçadas, quando a ayahuasca é usada para descobrir onde está o inimigo ou a caça.<sup>7</sup>

Mesmo nos grupos urbanos que usam ayahuasca em contexto ritual e religioso, há marcadas diferenças de vocabulário. Quem é do Daime ou da Barquinha *toma Daime*. Os adeptos da União do Vegetal (UDV) *bebem Vegetal*. Os oriundos de grupos neoxamânicos preferem habitualmente dizer que *consagram a Medicina* ou *Ayahuasca*. O Daime, por exemplo, reza uma versão modificada do *Pai Nosso* ao início e fim de seus rituais, chamados *trabalhos*, que, entre outras mudanças, diz “Vamos nós ao Vosso Reino”.<sup>8</sup> Os rituais na UDV são chamados de *sessões*. Os grupos neoxamânicos são mais flexíveis, podendo usar, dependendo da tradição, termos variados: *ritual*, *sessão*, *trabalho*, *consagração*. A preparação ritual da bebida é chamada de *feitio* pelas tradições do Daime e de *preparo* pela linha da UDV. As plantas também têm nomes diferentes: o cipó é *mariri* para a UDV e *jagube* para o Daime e na Barquinha, e o arbusto é, respectivamente, *chacrona* ou *rainha*. Um mergulho mais profundo na letra das músicas (*hinos*) do Daime ou na peculiar fala ritual da UDV e seus cânticos (*chamadas*), que evitam palavras cujo *mistério* (significado espiritual) seja desfavorável,<sup>9</sup> traria, certamente, um patrimônio linguístico-cultural que, até onde sei, ainda não foi suficientemente estudado.

Se nos movermos do campo da língua para o mundo das plantas, nos confrontaremos com mais nuances. As religiões ayahuasqueiras utilizam de forma quase universal o que poderíamos chamar de ayahuasca “clássica”, feita com *B. caapi* e *P. viridis*. Entretanto, o *yagé* é mais habitualmente feito da composição de *B. caapi* com outro cipó, *Diplopterys cabrerana*, que contém n,n-dimetiltriptamina (DMT), o mesmo princípio ativo psicodélico presente na *P. viridis*. Além disso, o preparo feito pelos vegetalistas ribeirinhos da Amazônia Peruana e pelas diversas tradições indígenas pode trazer uma enorme variedade de plantas na produção das variadas formulações da ayahuasca, incluindo o tabaco (*Nicotiniana tabacum*), a trombeta ou toé (*Brugmansia suaveolens*), a coca (*Erythroxylum coca*) e outras espécies, psicoativas ou não.<sup>10</sup>

Acabei de mencionar a existência de uma ayahuasca “clássica”. Os principais princípios ativos derivados desta formulação são a já mencionada DMT e as betacarbolinas – todas elas quimicamente classificadas como alcaloides. A DMT, oriunda das folhas de *P. viridis* (e por vezes do cipó *D. cabrerana*), se liga nos receptores do subtipo 2<sub>A</sub> de neurônios ativados pelo neurotransmissor serotonina. Essa é uma ação em comum com os chamados psicodélicos tradicionais: LSD, mescalina, psilocibina, entre outros. Entretanto, a DMT faz parte do conjunto de substâncias que é rapidamente degradada nos sistemas digestório e nervoso por uma enzima chamada monoamina oxidase A (MAO-A). Se ingerida por via oral de forma isolada, a DMT não tem efeitos psicodélicos. As betacarbolinas presentes nos troncos e ramos de *B. caapi* têm, portanto, um papel importante nos efeitos visionários da ayahuasca.<sup>11</sup> Nomeadamente, as principais betacarbolinas presentes na ayahuasca são a harmina, a harmalina e a tetrahydroharmina. Essas substâncias, além de promoverem a absorção e uma ação mais prolongada da DMT no organismo, também têm propriedades psicoativas, principalmente sedativas. Não cabe estender essa discussão nesta introdução, mas tanto a DMT quanto as betacarbolinas têm uma série de efeitos no sistema nervoso central que as torna interessantes para a exploração neurocientífica e a pesquisa clínica. Como se pode imaginar, uma vez que estamos falando de um produto natural, a ayahuasca pode ter composições extremamente díspares, derivadas de uma série de fatores, que vão desde a variação na concentração de alcaloides nas plantas colhidas até o tempo de cozimento escolhido pela pessoa que prepara a bebida.<sup>12</sup>

Mesmo sem considerar o intrincado universo indígena do uso da ayahuasca, que já é bastante rico, as visões que a sociedade dos ditos civilizados têm

sobre essa bebida também comportam diversas perspectivas. Por um lado, a ayahuasca é um sacramento, uma bebida ritual utilizada para dar acesso a domínios sagrados.<sup>13</sup> Por outro, ela pode ser entendida como uma droga alucinógena potencialmente perigosa, com riscos à saúde, especialmente à saúde mental.<sup>14</sup> Outra perspectiva frisa o fato de que a ayahuasca é reconhecida por diversas pessoas como uma fonte de autoaprendizagem e desenvolvimento pessoal, com ou sem o apoio de psicoterapia.<sup>15</sup> E, mais recentemente, uma gama de estudos clínicos abre caminhos para trazer evidências, sob a luz da ciência empírica, sobre o potencial terapêutico da ayahuasca para o tratamento de transtornos mentais, em especial a depressão e os transtornos do uso de substâncias.<sup>16</sup>

O *status* social complexo da ayahuasca no Brasil torna o seu estudo ainda mais fascinante. Seu uso legalizado no país provavelmente impulsionou o fato de que, no momento, os artigos de cientistas brasileiras e brasileiros estão entre os mais influentes da chamada Renascença Psicodélica, período de pesquisa iniciado no final dos anos 1990 que retoma as pesquisas com psicodélicos em humanos.<sup>17</sup> O longo arco da regulamentação nacional da ayahuasca, iniciada nos anos 1980 e só concluído no início do século XXI com a resolução nº 1/2010 do Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas,<sup>18</sup> traz uma perspectiva peculiar entre as nações para a regulamentação de uma substância psicodélica. A ayahuasca é atualmente autorizada no Brasil para uso ritual, mas não para o emprego terapêutico – o que ocorre no Peru. Além disso, há uma série de regras acordadas entre os grupos ayahuasqueiros para a realização de um uso ritual mais seguro, que incluem uma anamnese de novatos, a recomendação de evitar administrar a ayahuasca em casos de transtornos mentais graves e a diretriz de não misturar a bebida com outras substâncias psicoativas – o que, na prática, frequentemente tem exceções. Se o processo da legitimação oficial da ayahuasca envolveu principalmente os bebedores religiosos e pesquisadores, o país tem testemunhado mais recentemente o crescimento do protagonismo dos povos originários nesse cenário, seja com a organização de rituais em suas aldeias e nos centros urbanos fora da Amazônia, seja com a busca pelo reconhecimento de que a ayahuasca é uma tecnologia de origem indígena, como demarcam as diversas Conferências Indígenas da Ayahuasca.<sup>19</sup>

O campo da ayahuasca é rico, inclusive, porque tantas linhas diversas de seu consumo – que são frequentemente antagonistas – geram um universo de disputas que precisa, inclusive, ser navegado com cuidado por quem deseja estudar a bebida e seus usos.<sup>20</sup> Como se pode perceber, o tema

é vasto, intrincado e cheio de nuances. Entre as áreas do conhecimento que já tocaram no campo da ayahuasca podemos citar um grande número, sem esgotar completamente a lista: agronomia, antropologia, arqueologia, artes, bioética, biologia, bioquímica, botânica, ciência política, comunicação, direito, etimologia, etnobotânica, farmacologia, filosofia, história, neurociências, pedagogia, psicologia, psiquiatria, química, sociologia, teologia, toxicologia etc. Desde 1850, o ano que marca o encontro entre a ciência ocidental e a ayahuasca, que se deu quando o botânico Richard Spruce conheceu e bebeu ayahuasca com povo Yepá Mahsã do rio Uaupés, no Alto Rio Negro,<sup>21</sup> a quantidade de conhecimento sobre a ayahuasca vem crescendo exponencialmente, assim como a sua extensão territorial de influência.<sup>22</sup> Esse crescimento indica o fato de que só é possível obter um razoável conhecimento sobre a ayahuasca se o paradigma do campo disciplinar único for dissolvido. A ayahuasca é, por excelência, um campo multidisciplinar no qual a diversidade de saberes não é só desejável, mas necessária.

### *O conteúdo deste volume*

É nesse espírito que está a iniciativa deste livro. Procuramos juntar as experiências múltiplas e variadas dos diversos participantes e colaboradores de um grupo de pesquisa nascido na Universidade Estadual de Campinas e que atualmente conta com a colaboração de pesquisadores de diversos locais: o Icaro – Interdisciplinary Cooperation for Ayahuasca Research and Outreach, ou Cooperação Interdisciplinar para a Pesquisa e Extensão da Ayahuasca. A obra que você ora lê brotou inicialmente de um curso internacional ministrado de 2017 a 2019, depois transformado, em 2021, em um curso de extensão *on-line* chamado *Perspectivas Interdisciplinares da Ayahuasca*. Recentemente, em 2022, o curso teve também uma versão internacional abreviada na Universidade de Tartu, na Estônia. Os participantes do curso e alguns convidados e convidadas se juntaram para produzir este volume.

O livro é dividido em três partes: *Ayahuasca, Natureza e Humanidades*, *Ayahuasca e Saúde Mental*, e *Ayahuasca e Pesquisas Experimentais*. A primeira parte foca uma combinação de estudos botânicos, antropológicos, bioéticos e comunicacionais da ayahuasca. Ele se inicia com o capítulo “Aspectos botânicos e ecológicos da ayahuasca”, da bióloga Camila Dias e o etnobotânico Ricardo Monteles, que foca as plantas que compõem a ayahuasca, seus detalhes

botânicos e uma discussão sobre a ecologia e o manejo dessas espécies. Considerando o uso crescente da ayahuasca, discutir o impacto ambiental da sua exploração é uma questão particularmente relevante no contexto atual. A seguir, a antropóloga Sandra Goulart nos traz o capítulo “As religiões ayahuasqueiras brasileiras e o cenário contemporâneo transnacional da ayahuasca: panorama histórico e atualizações”. Nele nos é apresentado o percurso histórico dos usos religiosos da ayahuasca, sem deixar de contemplar o recente surgimento dos novos atores no campo ayahuasqueiro, com destaque para as tradições indígenas. O capítulo seguinte, “Aspectos bioéticos do cuidado com ayahuasca”, de autoria do bioeticista e biólogo Luis Felipe Valêncio, foca o que se poderia chamar de uma bioética da ayahuasca guiada pela noção de cuidado. O texto debate, sob a luz da globalização, os princípios norteadores para práticas de uso da ayahuasca em diversos contextos, das religiões aos grupos de pesquisa. Encerrando o bloco inicial, o jornalista Nathan Fernandes nos traz o capítulo “Ayahuasca na mídia: abrindo as portas da redação”, que combina estudos de comunicação com uma visão crítica à chamada Guerra às Drogas, indicando as tendências que moldaram a percepção pública – incluindo o papel da mídia – sobre a ayahuasca.

A segunda parte do livro foca a saúde mental e abre com o texto do biólogo e psicofarmacologista Lucas Maia e do psicólogo e neurocientista Dimitri Daldegan-Bueno chamado “Fronteiras do conhecimento científico sobre o potencial terapêutico da ayahuasca”. Ele debaterá, sob a luz das evidências biomédicas disponíveis, o potencial da ayahuasca como ferramenta para mitigar o sofrimento causado por diversos transtornos mentais, além de incluir uma discussão sobre possíveis aplicações para doenças físicas. A seguir, o psiquiatra Fabio Carezzato apresenta um capítulo dedicado especificamente a discutir o potencial uso da ayahuasca para pessoas com transtornos do uso de substâncias. Seu título é “O uso da ayahuasca no cuidado de pessoas com uso problemático de drogas”. Dimitri Daldegan-Bueno e o psicólogo Alexandre Pontual trazem a seguir um capítulo sobre a mensuração dos efeitos da ayahuasca, denominado “Como avaliar cientificamente os efeitos subjetivos proporcionados pela ingestão da ayahuasca”. A construção e o uso de ferramentas psicométricas capazes de auxiliar na compreensão quantitativa das experiências produzidas por psicodélicos, incluindo a ayahuasca, configuram um importante tema na expansão do conhecimento sobre os impactos da bebida. A seguir, temos dois textos escritos por psicólogos e psicanalistas: Daniel Kazahaya, que segue a abordagem psicanalítica do britânico Donald Winnicott, brinda-nos com o texto “Ayahuasca e os fenômenos psíquicos: uma exploração à luz da



psicanálise”, que traça um amplo arco que vai das pesquisas psicodélicas ao divã, passando por uma discussão que inclui a religião e a arte visionária. Já Rodolfo Olivieri, que estuda a abordagem do francês Jacques Lacan, nos oferece “Divãs psicodélicos e a manifestação do sujeito: um olhar psicanalítico sobre a experiência com a ayahuasca”. No texto encontramos uma discussão original sobre alguns aspectos da experiência da ayahuasca sob a perspectiva psicanalítica lacaniana.

Concluindo o livro temos quatro capítulos marcados pela ciência experimental. Em “Estudos com ayahuasca e animais experimentais”, a bióloga Sueli Netto discute o uso de modelos animais para pesquisas com ayahuasca, incluindo suas contribuições e limitações. Dimitri Daldegan-Bueno e Lucas Maia, dessa vez com a colaboração da biomédica Natália Simionato e da bióloga Vanessa Favaro, trazem mais uma contribuição, com o capítulo “O que as pesquisas pré-clínicas nos dizem sobre a ayahuasca”. O texto destaca os resultados de pesquisas biomédicas com animais e como esse conjunto de resultados nos traz informações importantes sobre o uso humano da ayahuasca. Focada em neurociências, a contribuição a seguir, “Ayahuasca e o cérebro”, escrita pela neurocientista Isabel Wießner, traz um panorama minucioso de uma pletera de técnicas e experimentos que nos auxiliam a compreender o que sabemos e o que ainda não sabemos sobre as ações da bebida no sistema nervoso central. Concluindo o livro temos o capítulo “Metabolômica da ayahuasca”, dos químicos Emerson Andrade dos Santos e Alessandra Sussulini, focado em estudos de análise de composição e caracterização dos compostos da ayahuasca, assim como na avaliação de como esses compostos são capazes de alterar o metabolismo.

Como se pode ver, este é um trabalho amplo, mas com certeza ainda não cobre todas as disciplinas que se debruçam sobre a ayahuasca. Os temas que foram cobertos neste volume refletem as áreas que os componentes do nosso grupo de pesquisa estudam. Notadamente, diversas outras visões poderiam se somar, em especial a presença de autorias e temáticas indígenas, algo que gostaríamos de poder abraçar no Icaro nos anos vindouros. Mesmo assim, a equipe organizadora composta de Lucas Maia, Camila Dias, Luis Felipe Valêncio e eu, e contando com a relevante colaboração de Joice Cruz Jatobá nos trabalhos editoriais, estamos felizes em poder apresentar este livro como a materialização de anos de dedicação ao tema. Esperamos que as leitoras e os leitores deste volume se sintam tão cativados e intrigados pelos mistérios acadêmicos da ayahuasca quanto nós nos sentimos impelidos a seguir estudando, aprendendo e respeitando o que a ayahuasca e as pessoas que partilham dela nos têm a ensinar.

## Referências bibliográficas

- ARAÚJO, D. B. "Evidence for the therapeutic effects of ayahuasca". In: SESSA, B. & WINKELMAN, M. (ed.). *Advances in psychedelic medicine: State-of-the-art therapeutic applications*. Santa Barbara, ABC-CLIO, 2019, pp. 102-123.
- ASSIS, G. L. & RODRIGUES, J. A. "De quem é a ayahuasca? Notas sobre a patrimonialização de uma 'bebida sagrada' amazônica". *Religião & Sociedade*, vol. 37, n. 3, 2017, pp. 46-70.
- CONSELHO NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS (Conad). Resolução nº 1 de 25 de janeiro de 2010. *Diário Oficial da União*, 26 jan. 2010.
- DIAMENT, M.; GOMES, B. R. & TÓFOLI, L. F. "Ayahuasca and psychotherapy: Beyond integration". In: CAVNAR, C. & LABATE B. C. (ed.). *Ayahuasca healing and science*. 1st ed. Cham, Springer, 2021, pp. 63-79.
- DOMÍNGUEZ-CLAVÉ, E.; SOLER, J. & ELICES, M., et al. "Ayahuasca: Pharmacology, neuroscience and therapeutic potential". *Brain Research Bulletin*, vol. 126, pt 1, Sep. 2016, pp. 89-101.
- FERNANDES, F. O. P.; AZEVEDO, D. L. & BARRETO, J. P. et al. "The macro cultural psychology understanding of the constitution of a Yepa Mahsã person". *Culture & Psychology*, vol. 27, n. 2, 2021, pp. 243-257.
- FOTIOU, E. "The globalization of ayahuasca shamanism and the erasure of indigenous shamanism". *Anthropology of Consciousness*, vol. 27, n. 2, 2016, pp. 151-179.
- FRECSKA, E. "The risks and potential benefits of ayahuasca use from a psychopharmacological perspective". In: JUNGABERLE H. & LABATE B. C. (ed.). *The internationalization of Ayahuasca*. Münster, LIT Verlag, 2011, pp. 151-166.
- GÓMEZ RINCÓN, C. M. "The spiritual dimension of yage shamanism in Colombia". *Religions*, vol. 11, n. 7, 2020, p. 375.
- KAASIK, H.; SOUZA, R. C. Z. & ZANDONADI, F. S. et al. "Chemical composition of traditional and analog ayahuasca". *Journal of Psychoactive Drugs*, vol. 53, n. 1, 2021, pp. 65-75.
- LABATE, B. C. "A literatura brasileira sobre as religiões ayahuasqueiras". In: ARAÚJO, W. S. & LABATE, B. C. (ed.). *O uso ritual da ayahuasca*. Campinas, Mercado de Letras, 2004, pp. 231-273.
- LABATE, B. C.; CAVNAR, C. & FREEDMAN, F. B. "Notes on the expansion and reinvention of ayahuasca shamanism". In: CAVNAR, C. & LABATE, B. C. (ed.). *Ayahuasca shamanism in the Amazon and beyond*. New York, Oxford University Press, 2014, pp. 3-15.
- LABATE, B. C. & ASSIS, G. L. "A critical review of the literature on the diaspora of Brazilian ayahuasca religions". In: CAVNAR, C. & LABATE, B. C. (ed.). *The expanding world ayahuasca diaspora: appropriation, integration and legislation*. New York, Routledge, 2019, pp. 1-21.
- LABATE, B. C.; MACRAE, E. & GOULART, S. "Brazilian ayahuasca religions in perspective". In: LABATE, B. C. & MACRAE, E. (ed.). *Ayahuasca, ritual and religion in Brazil*. New York, Routledge, 2016, pp. 17-36.
- LAWRENCE, D. W.; SHARMA, B. & GRIFFITHS, R. R. "Trends in the top-cited articles on classic psychedelics". *Journal of Psychoactive Drugs*, vol. 53, n. 4, 2021, pp. 283-298.
- LUZ, P. "O uso ameríndio do caapi". In: LABATE, B. C. & SENA-ARAÚJO, W. (ed.). *O uso ritual da ayahuasca*. Campinas, Mercado de Letras, 2004, pp. 37-68.
- MAIA, L. O.; DALDEGAN-BUENO, D. & WIEßNER, I. et al. "Ayahuasca's therapeutic potential: what we know – and what not". *European Neuropsychopharmacology*, vol. 66, 2023, pp. 45-61.
- MELO, R. V. "Between ecstasy and reason: a symbolic interpretation of UDV trance". In: CAVNAR, C.; GEARIN, A. K. & LABATE, B. C. (ed.). *The world ayahuasca diaspora: reinventions and controversies*. New York, Routledge, 2017.

- METZNER, R. "Introduction: Amazonian vine of visions". In: METZNER, R. (ed.). *Sacred vine of spirits: ayahuasca*. Rochester, Park Street Press, 2006, pp. 1-62.
- MORALES-GARCÍA, J. A.; DE LA FUENTE REVENGA, M. & ALONSO-GIL, S. *et al.* "The alkaloids of *Banisteriopsis caapi*, the plant source of the Amazonian hallucinogen ayahuasca, stimulate adult neurogenesis *in vitro*". *Scientific Reports*, vol. 7, n. 1, 2017, p. 5309.
- REESINK, E. "Xamanismo kanamari". In: BUCHILLET, D. (ed.). *Medicinas tradicionais e medicina ocidental na Amazônia*. Belém, Edições Cejup, 1991, pp. 89-109.
- REHEN, L. K. F. "Receber não é compor: música e emoção na religião do Santo Daime". *Religião & Sociedade*, vol. 27, n. 2, pp. 181-212.
- SILVA, D. B. "Yubaka Hayrá: notas sobre a Conferência Indígena da Ayahuasca". *Campos – Revista de Antropologia*, vol. 19, n. 1, 2018, pp. 183-193.
- SPRUCE, R. *Notes of a botanist on the Amazon and Andes*, vol. 2. London, MacMillan, 1908.
- SUEGŨ, D. L. A. *Agenciamento do mundo pelos Kumuã Yé'pamabsã: o conjunto dos babsese na organização do espaço Di'ta Nubku*. Manaus, Neai/Edua, 2018.
- TERCEIRA CONFERÊNCIA INDÍGENA DA AYAHUASCA. "Carta aberta das organizações: Terceira Conferência Indígena da Ayahuasca". *Crônicas Indigenistas* (Blog). Disponível em: <<https://cronicasindigenistas.blogspot.com/2019/10/carta-aberta-das-organizacoes-3a.html>>. Acesso em: 14/9/2022.

## Notas

- <sup>1</sup> Metzner, 2006.
- <sup>2</sup> Labate *et al.*, 2014.
- <sup>3</sup> Reesink, 1991; Luz, 2004; Gómez Rincón, 2020; Fernandes *et al.*, 2021.
- <sup>4</sup> Labate, 2004.
- <sup>5</sup> Luz, 2004.
- <sup>6</sup> Suegŭ, 2018.
- <sup>7</sup> Fotiou, 2016.
- <sup>8</sup> Rehen, 2007.
- <sup>9</sup> Melo, 2017
- <sup>10</sup> Morales-Garcia *et al.*, 2017.
- <sup>11</sup> Dominguez-Clavé *et al.*, 2016.
- <sup>12</sup> Kaasik *et al.*, 2021.
- <sup>13</sup> Labate *et al.*, 2016.
- <sup>14</sup> Frecska, 2011.
- <sup>15</sup> Diament *et al.*, 2021.
- <sup>16</sup> Araújo, 2019; Maia *et al.*, 2023.
- <sup>17</sup> Lawrence *et al.*, 2021.
- <sup>18</sup> Conad, 2010.
- <sup>19</sup> Silva, 2018; Terceira Conferência Indígena da Ayahuasca, 2019.
- <sup>20</sup> Assis & Rodrigues, 2017.
- <sup>21</sup> Spruce, 1908.
- <sup>22</sup> Labate & Assis, 2019.

